

A watercolor illustration of a hand holding a plant. The hand is rendered in various colors like purple, green, and red. The plant has a red flower and green leaves. Above the hand, there are several birds in flight, also in watercolor style. The background is a mix of yellow, orange, and green with scattered red dots.

organizadoras

Larisa da Veiga Vieira Bandeira

Luciane Bresciani Lopes

# Adriana da Silva Thoma

cartas e escritas  
de amizade  
e docência

 peripécia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A243

Adriana da Silva Thoma: cartas e escritas de amizade e docência / Organizadoras Larisa da Veiga Vieira Bandeira, Luciane Bresciani Lopes. – São Paulo: Peripécia, 2022.

Livro em PDF

ISBN 978-65-88192-17-7

1. Memória - Educação. 2. Língua brasileira de sinais. 3. Amor.  
4. Amizade. I. Bandeira, Larisa da Veiga Vieira (Organizadora).  
II. Lopes, Luciane Bresciani (Organizadora). III. Título.

CDD:  
370.1522

Índice para catálogo sistemático:

I. Memória - Educação

Janaina Ramos – Bibliotecária – CRB-8/9166

ISBN da versão impressa (brochura): 978-65-88192-16-0

# Era para ser amizade, mas é amor..

*LUciane Bresciani Lopes*

*LArisa Bandeira*

Aceitar a morte com amor significa que abraçamos a realidade do inesperado, de experiências que não podemos controlar. Nós não precisamos ter ansiedade infinita e nos preocuparmos se vamos realizar nossos objetivos ou planos. A morte está sempre ali para nos lembrar que nossos planos são transitórios. Ao aprender a amar, aprendemos a aceitar a mudança. Sem mudança, não podemos crescer. Nosso desejo de crescer no espírito e na verdade é como nos posicionamos diante da vida e da morte, prontos para escolher a vida (hooks, 2021, p. 62<sup>1</sup>).

Em novembro de 2015, na sala 605 da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FACED/UFRGS) iniciamos o planejamento de uma viagem de pesquisa. Nós duas contávamos os centavos da bolsa de doutorado e como técnica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, para que pudéssemos ficar uma semana comendo, nos deslocando e dormindo em uma

1 hooks, bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. Trad. Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021.

cidade como São Paulo, com tantas distâncias e, para nós, com tantos apelos. Adriana chamava a nossa atenção para todos os riscos possíveis da empreitada, as diferenças linguísticas e culturais que enfrentaríamos ao propor encontros de escritas com pessoas refugiadas da Síria, Paquistão, Palestina, e República Democrática do Congo, e que atuavam como professores em um curso de línguas estrangeiras. Por fim optamos por um hostel, com quarto coletivo, próximo do prédio do curso no Bairro de Pinheiros.

Uma semana antes de nossa chegada a São Paulo, em janeiro de 2016, no encontro da Avenida Paulista com a Consolação, houve um conflito entre o comando da Polícia Militar e as lideranças do Movimento Passe Livre (MPL) que faziam um ato contra o aumento das tarifas de ônibus. Na ocasião foram utilizadas bombas de gás de efeito moral, explosivos, spray de pimenta e blindados israelense para impedir que o MPL descesse até o Largo do Batata. Quando chegamos a São Paulo, os dias estavam mais frios e nublados do que se esperava de um verão e a circulação de helicópteros, no espaço aéreo, e de polícia, na cidade, era mais intensa. A cidade estava atravessando uma seca há alguns meses, os reservatórios de água no Sistema Cantareira estavam se esgotando. Janeiro prenunciava um ano difícil para os que aqui estavam e para os que aqui chegavam, e São Paulo exibia com mais ênfase a convulsão que já estava em curso no país.

Entre novembro de 2015 e janeiro de 2016, o curso passou a funcionar em um prédio cedido pela prefeitura no centro da cidade. O nosso planejamento, os nossos deslocamentos, nossas expectativas também migraram. Os riscos apontados por Adriana pareciam mais perceptíveis, estávamos todas mais sensíveis também pelo que estava se anunciando nas ruas. Entre uma e outra passagem de gigantes patos amarelos de borracha, enquanto nos abrigávamos da chuva no Vão do Museu de Arte de São Paulo, na Avenida Paulista, a sensação era a de que éramos também estrangeiras. Começávamos

a ter certeza de que aquele, era agora outro país, ainda mais injusto e desigual. O quarto coletivo do hostel era o nosso menor problema.

As oficinas de escrita, que faziam parte da pesquisa, ocorriam em salas da SP Escola de Teatro cedidas pela prefeitura para o curso de línguas. As salas eram espaços de tensão, de tradução, de suar frio, olhares apavorados, olhares de apoio e aprovação, espaço de escrita, de compartilhamento, mas também, para os sujeitos da pesquisa, era espaço de tentar manter anonimato, de se expor o suficiente para não se tornar ainda mais vulnerável. Abraço coletivo e amoroso no encontro da realidade do inesperado e desconhecido. Sussurros, por vezes tentativas, da querida Adriana que tinha milhões de *insights* na escuta atenta que desempenhávamos nos dias que passamos por lá. Das cenas, das histórias, a que mobiliza a escrita hoje, é a frase mais bonita que ouvimos em um dos sussurros, possíveis, na grande sala de reuniões:

“Precisamos escrever sobre a amizade”

Talvez fosse uma das últimas oficinas de escrita planejadas para a semana, talvez não. Talvez tenha sido o último professor a escrever e nos contar sobre a sua história, talvez não. A lembrança nos traz a cena assim: na sala de reuniões, em uma oficina oferecida entre as aulas ministradas pelos professores refugiados e as aulas que eles frequentavam como alunos de língua portuguesa, recebemos M. um professor palestino, que convidado a escrever, escreveu. Que convidado ao diálogo, dialogou. Nos contou sobre sua chegada ao Brasil, sobre a precariedade do acolhimento aos refugiados, que considerava que “não era devido à falta de uma política específica para os refugiados, mas sim decorrente da crise que o país atravessa e que não é uma crise local, mas que se trata de uma crise de dimensão mundial que tem poucas chances de ser revertida e da qual eles são parte, e vistos como o pior resultado” (M, 2016). M. contou que residia em espaço no qual a sua

permanência estava condicionada aos serviços de manutenção de toda a estrutura do local, ou seja, situação análoga à escravidão.

Quando M. decide buscar um emprego para melhorar a sua condição de permanência no país, ele ouve do responsável do local: “se vai trabalhar fora, não pode mais ficar aqui”, e isso ocorrera um pouco antes dele estar naquela sala conosco, M. estava angustiado e surpreso e precisaria dormir na rua a partir daquela noite. Nos olhamos dentro daquela sala. A dor, revolta e impotência eram alguns dos sentimentos que podiam ser capturados em cada olhar, no ritmo da respiração. M. nos olha e continua a contar: “ele disse que era meu amigo, ele me chamou de amigo. No meu país não fazemos isso com um amigo. Um amigo sempre terá o que temos. Aqui as pessoas usam as palavras de qualquer jeito. A palavra amizade é muito forte e não pode ser dita se você não é amigo mesmo”. A memória nos faz lembrar como se fosse a última vez que conversamos presencialmente com ele. Talvez porque era uma situação que nos colocou no limite entre a escuta da pesquisa e a impossibilidade de fazer alguma coisa. A transitoriedade dos diferentes aspectos da vida de M. nos fazia perceber a nossa própria transitoriedade, e o quanto eram inseguras e frágeis nossas certezas.

\*\*\*

São Paulo está em nossa cartografia afetiva como o lugar e experiência que se fundem no que chamamos de amizade. Das histórias vividas, poderíamos contar da escova de cabelo e o secador da Adriana, que faziam um barulhão, nas primeiras horas da manhã no meio do hostel que estava lotado de turistas de todos os cantos do mundo, que vinham para as noites da Vila Madalena e para os ensaios das escolas de samba naquele período pré-carnavalesco. Das gargalhadas das histórias das/os nossas/os companheiras/os de quarto coletivo misto, que o dinheiro das orientadas podia pagar

e que a Adri topou de olhos fechados. A capacidade em acreditar e se jogar faziam da Adriana um ser diferente. Talvez ela só quisesse ter certeza de que a loucura de produzir dados de uma tese envolvendo muitos sujeitos e muitas línguas daria certo, cá entre nós, podia dar tudo muito errado. Mas a presença, o presente da sua presença! Sempre foi algo intenso! Visceral!

São Paulo sempre será a nossa cidade, a cidade do nosso encontro de amizade, não com aquela que expulsa, nem com aquela que bajula. A amizade que acolhe e sacode, que sorri, chora, admira, aprende junto. Que vive, que pulsa. Que enche os olhos de lágrimas quando encontra o fim da página. Que se nega dizer adeus! São Paulo deixou de estar no mapa desse país no qual estamos estrangeiras, e passou a se inscrever em “um mapa para nos guiar em nossa jornada até o amor – partindo de um lugar em que sabemos a que nos referimos quando falamos de amor” (hooks, 2021, p.33).

O convite para escrever sobre a amizade não encontrou fôlego em 2016, 2017 e 2018, estávamos as três envolvidas até o pescoço com o trabalho, com outras escritas, dando conta da produtividade da vida acadêmica, tentando dar conta da vida, e também da amizade. Sabíamos que para essa escrita precisaríamos de tempo, e ele estava passando muito rápido, e ninguém mais conseguia sair ileso do aprofundamento da crise política, social, econômica e ética no Brasil.

Não conseguimos escrever sobre a Amizade com ela.

Ela que nos últimos dias, assim como fez durante toda a vida, se valeu dos livros e dos escritos para contar sobre a doença e a morte que chegava rapidamente, e que iniciou a escrita de uma carta-aberta aos amigos e comunidade acadêmica evocando a obra de Foucault, *A coragem da verdade*. Escrever a carta para nos preparar e confortar foi também uma forma amorosa de saber como morrer. A coragem de dizer-a-verdade, dizer tudo, dizer o que precisa ser

dito ainda que repleta de medo e dor, significa arriscar-se. Falar sobre a doença, a dor e a morte que se avizinhava, desorganizava, apavorava. Mas representava uma insistente noção de cuidado de si e cuidado do outro. A denúncia sobre o descuido da própria saúde era uma confissão. Um modo de veridicção. Assumir uma postura *parresiástica* trata de assumir um modo de ser.

Quando pensamos nesse livro, pensamos que o texto que escreveríamos seria sobre a Amizade, pensávamos que havia chegado a hora. Cada pessoa convidada faz parte de diferentes momentos da vida da Adriana e compartilharam com ela um espaço acadêmico, uma cidade, viagens, saídas e muitas histórias. Histórias comprovadas pelas plataformas Lattes, Sucupira, Carlos Chagas, e histórias que não cabem lá. Muitas histórias contadas aqui são de colegas, amigas, mulheres, histórias produzidas em um tecido afetivo de fibras fortes e flexíveis. Ao ler os textos que compõem esse livro entendemos que a escrita de amizade se tornou possível no coletivo, e não foi uma escrita fácil. O livro é sobre Adriana, é sobre amizade, é sobre outros modos de fazer a academia que não são os que agora vigoram, e especialmente, sobre o Amar, esse que permite que transformemos nossa celebração da morte em uma celebração da vida (hooks, 2021).

Mas é muito, e também, sobre o que sobrou do que éramos, e de nossa docência e exaustão nesse tempo ruim. Alguém poderá dizer que esse é um livro acadêmico!?! Não sabemos, mas jovens professores que lerem vão saber que um mundo melhor é possível, que tivemos a oportunidade de viver e aprender com a Adriana outros modos de viver a Universidade e os bons encontros. Que a escrita para a Adriana possa nos levar além. Que possa estabelecer elos e criar fendas e respiros. Que a escrita que fizemos para ela, seja encontro com ela e com nós mesmos. Amar faz isso. O amor nos empodera para viver plenamente e morrer bem. Então, a morte se torna não o fim da vida, mas uma parte dela (hooks, 2019).



Para encerrar esse texto escrito em dupla (carinhosamente batizada por Lodenir Karnopp como LU-LA) que é com, e para a Adri, é preciso agradecer às amigas, aos amigos, e aos amores que aceitaram o convite de através da escrita, continuar junto. Agradecer aos que vão conhecer um pouco mais sobre uma professora, orientadora, amiga, colega, parceira, mãe, através da leitura das histórias aqui compartilhadas, histórias que constituíram outras docências, outras orientações e outros modos de produzir saberes.

Sorte a nossa de contar com a amizade da Adriana,  
Sorte a nossa de contar com a amizade de vocês,  
e “sorte que essa amizade é um amor” (LONDON, 2014, p. 48<sup>2</sup>).

2 LONDON, Mathieu. **O que amar quer dizer**. Trad. Marília Garcia. São Paulo: Cosac Naify, 2014.